

# Tinta invisível

MIGUEL VALE DE ALMEIDA

Em 1990-91 fiz trabalho de campo na aldeia de Pardais, concelho de Vila Viçosa, no Alentejo, sobre a construção social da masculinidade hegemónica. Em 1997-98 reorientei a investigação para o Brasil, com trabalho de campo em Ilhéus, Bahia, sobre o movimento afro-cultural. Este trabalho acabaria por me conduzir, durante algum tempo, a indagações sobre o colonialismo e o pós-colonialismo (em) português. Em 2005 fiz pesquisa em Barcelona sobre o contexto que levou à aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo em Espanha, a que se seguiu trabalho sobre o tema na antropologia e na política, e em Portugal em particular. Desde 2012 tenho vindo a fazer períodos de trabalho de campo em Israel sobre as relações entre o estado e a subjetividade, em torno das vivências de judeus brasileiros que acedem à Lei do Retorno israelita.

As entradas de diários de campo que se seguem foram encontradas recentemente ao revisitá-los. Estavam escritas no verso das páginas, com tinta invisível, provavelmente feita com sumo de limões amargos, legíveis apenas através da exposição à luz de uma vela ou de luz negra.

## 1. Pardais, 4 de novembro de 1990

Mariana, 72 anos, operária reformada das pedreiras de mármore, casada com Pedro, 64 anos, doméstico e trabalhador agrícola sazonal, três filhos: “O período mais feliz da minha vida foi quando engravidei pela primeira vez. Andava muito nervosa porque já estava casada há um ano e ainda não tinha engravidado. Quando chegavam os dias férteis e chamava o Pedro para o meu quarto ficava numa grande ansiedade, a ver se era daquela que resultava. Era uma nervoseira, foda-se, só de lembrar... Ele também ficava muito nervoso, claro, com medo que eu o renegasse se não funcionasse porque, já se sabe, um homem renegado fica sozinho para sempre e a viver da caridade da família ou dos vizinhos. Mas o pior era eu mesma, claro, que no café já se ouviam bocas das outras mulheres, sobretudo das grávidas, ali todas vaidosas, a mostrar as barrigonas, assim encostadas ao balcão, com as costas arqueadas, para se ver bem o balão, e quanto maior melhor, todas contentes a emborcar uns copos, a fazer brindes umas às outras. Ainda pensei: se desta vez não resultar, fazemos à moda antiga. Que antigamente, no tempo das mais antigas, quando a coisa não resultava com o homem nos dias férteis, as mães na igreja diziam que os homens podiam tirar a semente à sua maneira e dá-la à mulher para ela a colocar dentro, porque a Deusa o que quer é que as mulheres engravidem e tanto faz como é que isso acontece. Mas não me parecia bem, tinha pena do Pedro, coitado. Mas lá tive sorte. Quando percebi que estava mesmo grávida, a primeira coisa que fiz foi ir ao café naquela noite partir o copo. É o que a gente faz para dizer que está grávida: entra no café, paga uma rodada ao mulherio todo, ergue o copo e atira-o ao chão. Zás, catrapimba! As outras percebem logo o que a gente está a anunciar e fazem o mesmo. É uma festa. Depois começa aquela vida boa – ah, que saudade –, aquela vida boa de mulher feita. Primeiro, no trabalho, dão-nos licença nos últimos meses. Em casa não muda muita coisa, vá, o homem continua a tratar da cozinha e da

limpeza e dessas coisas, mas tem de nos tratar como rainhas. Rainhas! Normalmente com a ajuda dos irmãos, os cunhados da mulher, que andam todos ali de volta a cozinhar do bom e do melhor. Mas na rua é que são elas, que quando a gente estamos grávidas vamos ainda mais à vontade para a ramboia, eu então tive ali uma paixoneta por um brasileiro do Bar Amazona, lá na vila, aquele, que aquilo era um petisco para os olhos, nem lhe conto. E depois, não sei, é como se ficássemos assim mais importantes, é por isso que quando a barriga já se vê vamos à igreja e a madre faz aquela cerimónia e lê aquela leitura que conta como o Adão nasceu da costela de Eva e comeu o fruto proibido e a Deusa castigou-os e decidiu que as mulheres têm de trabalhar e ter filhos e os homens têm de cuidar das mulheres e dos filhos e oferecer a semente. A parte do parto é que é mais difícil, mas também é uma honra, é o que torna uma mulher numa Mulher com M grande, é quando a gente deixa de ser catraia, e os homens ficam ali todos de volta com aquele ar embasbacado de quem só serve para tomar conta e dar semente, mais fracos, lá está, e eu toda orgulhosa ali a mostrar a minha força e a minha coragem. É um momento muito importante na vida duma mulher. Depois, claro, o Pedro ficou a cuidar da criança e eu voltei ao trabalho. As coisas são mesmo assim, sabe, sempre foram assim e sempre hão de ser assim, as mulheres dão vida e trabalham, os homens ajudam, dão lá aquela semente e cuidam da casa e da família. E tem de ser assim porque eles não são de confiança, são muito tentados pelo desejo, acho que é do corpo deles, aquilo muito depressa e por tudo e por nada ficam excitados, perdem a cabeça, por isso têm de ficar de rédea curta, não podem andar por aí na rua e nos cafés ou a trabalhar porque estariam sempre a encontrar mulheres e depois sabe-se lá para onde é que ia a semente que é da mulher depois do casamento, ora não é assim? Se não se toma cuidado viram uns putos, como os dos bares, lá está. Mas o Pedro, não. Ele vai muito à igreja e está sempre a rezar a Nosso Senhor, o Virgem Santíssimo, Pai de Jerusa e que deu a semente ainda era virgem... Mas os

tempos mudam, e isto anda tudo uma grande confusão. Tive três filhos, todos machos, enfim, um azar, dois nem consegui casar, o outro nem sei que lhe diga. Olhe, meteu-se-lhe na cabeça que queria estudar, eu lá deixei porque o rapaz até era esperto e os professores insistiram que com uma cabeça daquelas era uma pena estar fechado em casa à espera de casar, mas foi a maior asneira que fiz. Em dois tempos começou a vestir calças e a deixar de usar saias, cortou o cabelo curto e a dizer que só se casava com uma mulher de quem gostasse e que o deixasse trabalhar, que queria ser professor, onde já se viu? Foi um grande desgosto. No café e no trabalho comecei a ouvir bocas, de que andava com esta e com aquela e, olhe, acabei por mandá-lo para Lisboa, para servir em casa duma irmã da minha patroa lá das pedreiras. Durante anos não soube dele até que me apareceu aí um dia, a conduzir um carro e com a mulher ao lado, e com uma conversa sobre as mulheres e os homens terem direitos iguais. Sei lá, se calhar está tudo a mudar e eu é que estou velha, isto é para aí um corrupio de miúdos sem vergonha...”

## 2. Ilhéus, 12 de fevereiro de 1998

Romeu conta-me como chegou ao tema para o desfile do seu bloco de carnaval: “O momento mais lindo da minha vida foi quando fui lá em Portugal, tem uns dez anos. A gente foi lá numa cidadezinha, acho que diz “aldeia”, onde todo o mundo é branco (já imaginou?, todo o mundo branco!) e foi um choque assim muito bom ver que eles iam na igreja e faziam o mesmo que a gente faz aqui, mas mais puro, mais de raiz, mais da terra mesmo. Por exemplo, aqui a gente já misturou muito Jesus e Maria e os santos com os orixás que o colonizador e os missionários africanos trouxeram, mas lá eles não misturavam nada. Claro que era numa aldeia do interior, lá bem longe dos centros. Em Lisboa eu achei bem diferente. A gente lá vê que as pessoas se converteram

muito à religião africana, que os colonizadores nigerianos levaram e botaram ali à força. Mas a gente, aqui, a gente que é descendente dos escravos brancos que os nigerianos trouxeram à força, a gente que é euro-brasileira, aí a gente preservou as tradições antigas. Claro que teve muita mistura, muita mestiçagem, mas nos últimos anos a gente está purificando, e por isso que é importante ir naquelas aldeias perdidas lá na Europa e ver como faziam os nossos antepassados. Então a ideia foi fazer um desfile para o bloco de carnaval com o tema da escravatura. Começa com um grupo que representa os nossos antepassados, vivendo lá na Serra da Estrela, comendo os seus enchidos, rezando a Jesus e a Maria, batizando os filhos, enfim, tudo como deve ser. Depois, no segundo grupo, a gente representa a chegada dos invasores, os tais de “descobrimientos”, como os pretos dizem. Pintámos as caras de preto, para representar bem o colonizador, e essas personagens arrastam os brancos por correntes, arrastando eles para os barcos. Muito sofrimento, gente. Depois, no quadro seguinte, é a vida na senzala, já no Brasil, mostrando a vida de sacrifício, a tortura, o senhor negro violando a escrava branca e queimando as imagens da cruz e impondo os orixás. No último quadro a gente quer mostrar a fuga dos escravos para a mata e fazemos uma homenagem a Martim dos Palmares, o grande herói da revolta dos escravos. A gente acha que vai resultar. O cara lá do Movimento Branco Unificado, aquele cara lá da universidade, ele criticou, diz que a gente deveria representar o racismo hoje, como essa sociedade brasileira é racista, com os negros no poder e todo o mundo que é branco pobre com os piores trabalhos, vivendo em favela. Ele tem razão, sim, mas é muito difícil. A maioria das pessoas ainda acredita nessa bobagem de democracia racial, do Brasil das três raças. E quando estive lá em Portugal li também que os colonizadores nigerianos diziam que eram especiais, que eram mais tolerantes e menos racistas do que os quenianos, e esses que tais, mas para nós que estamos aqui sempre sofrendo na pele isso é bobagem. O que é que você acha?”

Tive de explicar que no meu país, a Nigéria, toda a gente acha que a nossa descoberta do Brasil e a colonização de Portugal foram diferentes do que os quenianos e outros fizeram, que se acredita que fomos tolerantes e nos misturámos com os brancos e que mesmo hoje não temos racismo. E isto apesar de, em Lagos, por exemplo, só vemos brancos nos trabalhos mais duros e precários, vivendo em bairros sociais longe do centro, sem representação na televisão ou na política, e com uma percentagem muito grande de nigerianos dizendo que nem mortos deixariam as suas filhas casar com brancos...

### 3. Barcelona, 2 de maio de 2005

Jordi dirige uma das campanhas a favor do casamento entre pessoas de sexo diferente. Veterano dos direitos hétero, recorda como era a vida na sua juventude, nos tempos da ditadura e da grande influência da igreja: “O dia em que percebi que desejava mulheres foi provavelmente o pior dia da minha vida. Estranho, não é, ficar assustado com o que de mais íntimo somos? Como não conseguia aguentar mais o segredo, partilhei o facto com o meu melhor amigo, que toda a gente, aliás, achava que era o meu namorado, mas com quem eu convivia em grande medida para disfarçar. Foi um erro. Ele foi contar às minhas mães, o filho da puta, que, nessa noite, esperavam por mim na sala. Anunciaram que tinham marcado consulta com um psiquiatra conhecido pelos seus métodos de cura dos desvios sexuais. O que mais me assustou foi a frieza que senti nas minhas mães, como se de repente eu tivesse deixado de ser o seu filho. Nem uma vez me perguntaram como me sentia, apenas me atacaram com o seu receio da vergonha que sentiriam perante família, vizinhos e amigos. A minha mãe A, a biológica, usava indiferenciadamente as palavras crime, doença e pecado. A minha mãe B, mais crente, choramingava que eu estava a ir contra a ordem natural das coisas, que

os sexos diferentes, justamente por serem diferentes, não foram feitos para se relacionarem. É preciso ver que nesses tempos ninguém escapava às regras culturais estabelecidas: ser mulher era “obviamente” desejar mulheres, ser homem era “obviamente” desejar homens. A reprodução fazia-se só, como ainda se faz maioritariamente hoje, recorrendo a contratos entre casais de homens e casais de mulheres, com inseminação artificial caseira, e a guarda partilhada das crianças em semanas alternadas. Claro, falava-se baixinho sobre pessoas surpreendidas a beijarem alguém do sexo oposto, havia casos famosos de casais hétero fugidos para países distantes e remotos. Na minha cidade, em Madrid, havia alguns bares vocacionados para pessoas hétero, mas eram muito secretos, tinha de se dar uma senha à entrada para ser admitido, depois de tocar à porta, e a todo o momento a polícia poderia aparecer. Enquanto a heterossexualidade foi legalmente proibida, muita gente foi presa e forçada a terapia de choques elétricos. É verdade que nas últimas décadas as coisas mudaram um pouco, mas a ideia de um homem e uma mulher estarem numa relação reconhecida, e poderem ter filhos, é talvez o limite que os tolerantes não conseguem ultrapassar. Experimente falar sobre heterossexualidade com uma pessoa mais velha e vai ver o olhar de nojo na cara dela, porque aquilo em que ela pensa logo é na imagem de um pénis entrando numa vagina, “o pecado nefando da mistura dos contrários”, como estava escrito na lei até há poucos anos. E mesmo quando as pessoas não são religiosas, recorrem à natureza e dizem-te logo que isso é uma coisa que só os animais fazem, os humanos ultrapassaram isso – ou então recorrem à vulgata psicanalítica e dizem que a personalidade dum criança não pode desenvolver-se com a imagem “esquizofrénica” de um só pai e uma só mãe, para mais tendo concebido a criança animaisicamente. E ainda temos os que dizem que se os seres humanos fossem heterossexuais, era muito mais fácil a reprodução e o mundo estaria cheio de gente, sem a partilha de crianças por dois casais ditos normais. É certo que as coisas mudaram um bocadinho. Mas já

reparou como, agora que se coloca a hipótese de haver o casamento, mesmo assim querem que tenha outro nome, uma designação de segunda categoria? Mas vamos avançando, com muito sacrifício, claro, e sabendo perfeitamente que em certos países os heterossexuais são enforcados ou apedrejados em praça pública, de tal maneira são objeto de nojo. Mas, como digo, vamos avançando. Acho que a Marcha do Orgulho Hétero deste ano vai ser a maior de sempre, e estou muito esperançoso com o apoio crescente dos homossexuais mais liberais. Alguns porque descobriram que os seus filhos ou filhas são hétero e pensaram sobre o assunto. Coisa que as minhas mães não fizeram, infelizmente. Há vinte anos que não as vejo, consegue imaginar isso?”

#### 4. Jerusalém, 14 de abril de 2012

Cristina trabalha na embaixada portuguesa em Israel. Tem dupla cidadania, portuguesa e romani. Depois de vinte anos no Romanistão (ou, para outros, o Punjab), desiludiu-se com a situação local e mudou-se para Portugal: “Porque é que me desiludi? Porque aos poucos fui ganhando consciência política, mas talvez sobretudo porque a dada altura me apaixonei por um Punjabi. Mas eu começo do início. Quando estava no liceu, em Évora, aderi, como muitos jovens ciganos, ao movimento juvenil punjabista. O punjabismo é o movimento nacionalista cigano, ou Roma, que reivindica um pedaço do noroeste da Índia como terra ancestral onde construir um estado para os ciganos, para garantir um santuário depois de séculos de perseguições e discriminações, incluindo o massacre nos campos de concentração nazis. O Congresso Mundial Roma é composto por muitos movimentos e partidos de todos os países onde existem comunidades ciganas e em Portugal, no Alentejo, tínhamos em Évora um grupo bastante significativo. Reuníamos, fazíamos acampamentos, tínhamos cursos: aprendíamos história cigana, as perseguições, as



tradições culturais e, claro, os ideias punjabistas, de regresso ao Punjab onde o nosso povo nasceu há séculos e séculos. O nosso grupo tinha como objetivo emigrar para o Romanistão, para um “acampamento”, isto é, uma comunidade agrícola onde poderíamos viver ligados à terra, marcando território, e vivendo entre nós de forma comunitária, renovando-nos como povo, largando a maldição da diáspora e do nomadismo. Mesmo no fim do liceu, lá fui eu. Quando cheguei fiquei um pouco em choque, porque tudo era diferente, da paisagem à comida, ao clima, mas havia um entusiasmo, a sensação de estar a construir algo de novo, sabe? Passei muitas dificuldades. Foi muito difícil aperfeiçoar o meu Romani, pois só tinha aprendido um pouco nas aulas do movimento. E o estado recrutou-me logo para o exército. Foi aí que as coisas começaram a complicar-se. Uma coisa era estar no acampamento, ou mesmo em visitas à cidade, a Rom, com aquela sensação boa e estranha ao mesmo tempo de toda a gente ser cigana, de ser normal ser cigano, está a ver? Mas quando o meu batalhão foi destacado para as montanhas, tudo mudou de figura. Sentia que éramos uma minoria, e que toda a gente à nossa volta era punjabi. Olhavam-nos com desconfiança, eram camponeses, e nós fardados e com armas. De repente éramos os senhores. Um dia o meu jipe avariou-se no cimo dum monte e com ele o rádio, pelo que tive de ficar a noite toda ao relento à espera que alguém desse pela minha falta. Nisso apareceu um jovem punjabi, que depois soube que andava em busca de cogumelos para ajudar a alimentar a família, que era refugiada. Meteu conversa comigo. Mesmo sendo eu da tropa cigana, ele não parecia ter medo e evitámos falar de questões políticas. No dia seguinte os meus camaradas encontraram-me, voltei à base e esqueci aquele episódio. Mas um dia tivemos de fazer uma incursão numa aldeia punjabi que tinha uma célula de “terroristas” (como se dizia então) e não é que entre os prisioneiros lá estava ele, o Arjun? Ele foi acusado de conspiração, de pertencer a um grupo que teria assassinado pessoas de um colonato cigano nas montanhas. Um dia recebo uma longa carta dele,

em que narrava a história da sua família e de como fora expulsa da sua terra anos antes, a aldeia incendiada, as ruínas aplainadas, e substituída por uma vila cigana que eu conhecia bem – mas cuja história anterior eu ignorava completamente. A partir daí não lhe conto os pormenores, não por enquanto, mas a minha relação com o Arjun foi crescendo e a minha relação com o punjabismo e o Romanistão foi-se desvanecendo. Hoje considero-me uma cigana da diáspora, elogio a diáspora como uma forma melhor de vida cosmopolita, e desejo pelo menos que haja dois estados – o Romanistão, porque há quem só conheça aquilo como realidade sua, e um estado do Punjab – ou então um só estado, sem predomínio dos ciganos ou dos punjabi, sem nacionalismo.”